

## Apresentação

Eis o alívio daqueles e daquelas que esperaram tempo significativo por mais um número de África(s). A espera se justifica: após sua estréia entre os periódicos acadêmicos com dois excelentes volumes, a revista enfrentou sérios problemas que puseram em risco sua existência. Nada incomum quando nos referimos às dificuldades de ordem material existentes nas instituições públicas de ensino superior do Estado da Bahia.

Acreditamos, porém, que assim como aqueles que insistem em sonhar, arrancando alegria do futuro, nós também poderemos ousar em legar aos pesquisadores e leitores em geral excelentes artigos que tragam novas luzes sobre o continente africano e as questões em torno da história dos negros e negras em solo brasileiro.

E nada melhor do que começar a leitura com o fantástico artigo de Pedro Leyva sobre as famílias nobres africanas no tráfico atlântico. O que se pode afirmar sobre a captura e o comércio de escravos em questão? Deixemos a resposta, prezado leitor, nas mãos deste excelente historiador. E sigamos! Caminhemos para um diálogo que une fronteiras dos lados do Atlântico, começando pelos Mandingas de Mindelo, em Cabo Verde, e desembocando nos “Cãos” de Jacobina, bela cidade do interior baiano. Este é o mote de Raphael Filho, historiador das festas e do carnaval, que enceta breve revisão bibliográfica e posterior análise de imagens para identificar influências recíprocas entre os dois eventos.

E por falar em Cabo Verde, Clifford Pereira esboça intrigante artigo sobre os denominados panos da terra deste arquipélago, e mostra como os mesmos representam as provas de que mesmo antes da chegada dos europeus já havia produção têxtil no con-

tinente africano. Saindo do outro lado do Atlântico, e retornando para o Brasil, Jorge Silva mostra como Oswald de Andrade o inspirou para que tecesse linhas de grande maestria na análise de “Poemas da Colonização”, enquanto possibilidade de entendimento da violência para os índios e negros. É de se espantar este vai e vem entre as Áfricas e os Brasis, mas para que o leitor não perca a forma, retornamos ao continente africano, mais precisamente para o Senegal, com o intuito de contemplar o maravilhoso artigo de Seydou Sall sobre como uma luta tradicional se constitui em possibilidade de inserção social para jovens pobres deste país. O autor consegue esta proeza a partir da análise das mídias senegalesas, complementando as mesmas com significativa revisão bibliográfica.

O leitor está cansado? Esperamos que não, pois mais uma vez vamos ao Brasil, e desta vez levados pelas mãos de Adelmir Fiabani, que aborda a importância dos saberes na transmissão de conhecimentos em comunidades quilombolas. Segundo o autor, há nas mesmas uma África viva, que se estabelece como legado e ao mesmo tempo referência identitária. E ainda no Brasil, mais precisamente em terras sergipanas, Tacyane Menezes nos mostra como a África é significativa e ressignificada enquanto referencial de identidade. Mesmo em um concurso de beleza, lá estão os valores, mesmo que ressignificados, norteando uma África nos corações e mentes de uma comunidade tradicional urbana na bela e encantadora Aracaju.

E por fim, para manter a forma, retornamos mais uma vez para o continente africano, e desta vez para analisar, a partir das linhas traçadas por Derneval Ferreira e Maria Ribeiro, as narrativas angolanas Mayombe e Noites de Vigília, obras literárias de Pepete-

la e Boaventura. Estas, no dizer dos autores, são marcadas por uma estética plural, que marcou e se constituiu nos discursos anticolonialistas, em prol da independência. E por fim, sem querer impor o cansaço ao leitor e a leitora, venho firmar o ponto a favor do conto e declarar que esta revista veio para ficar. E assim esperamos que outras edições

aportem, todas recheadas de excelentes trabalhos, contribuindo para elucidar questões sobre as várias Áfricas e suas diferentes representações.

Ivaldo Marciano de França Lima.  
Editor da revista África(s).